

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Prática. Fundamentos. Tipos de Pessoas.
Tornando-se um Conselheiro Cristão.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

ACONSELHAMENTO CRISTÃO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-039-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON39

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **ACONSELHAMENTO CRISTÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 126 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL	8
1.1. ACONSELHAMENTO PASTORAL OU ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO?	8
1.2. ENTÃO, A PSICOLOGIA É RUIM?	10
1.3. O VALOR DO ACONSELHAMENTO PARA O CONSELHEIRO.....	12
1.4. UMA POSTURA DO CONSELHEIRO CRISTÃO	13
1.5. O PERFIL E OS ATRIBUTOS DO CONSELHEIRO BÍBLICO	14
1.6. O PERFIL DO CONSELHEIRO	14
1.7. ALGUMAS ATITUDES NECESSÁRIAS AO CONSELHEIRO	18
1.8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	20
2 - O ACONSELHAMENTO NO PASSADO E NO PRESENTE	23
2.1. A ASCENÇÃO DO ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL	23
2.2. A ASCENÇÃO DO ACONSELHAMENTO PASTORAL.....	24
2.3. O ACONSELHAMENTO SECULAR NO DIA DE HOJE.....	25
2.4. AS TERAPIAS DIRETIVAS.....	26
2.5. TERAPIAS PERMISSIVAS.....	27
2.6. TERAPIAS DE INTERAÇÃO.....	27
2.7. ABORDAGENS CRISTÃS AO ACONSELHAMENTO	28
2.8. O ACONSELHAMENTO NOUTÉTICO	29
2.9. ABORDAGENS PERMISSIVAS.....	31
2.10. A ABORDAGEM DA INTERAÇÃO	32
2.11. ABORDAGENS ALTERNATIVAS	33
3 - OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA O ACONSELHAMENTO CRISTÃO	35
3.1. A ABRANGÊNCIA E O ALVO.....	36
3.2. A AÇÃO E O AGENTE	40
3.3. O ÂMAGO	45
3.4. AS ALTERNATIVAS.....	47
3.5. UMA DEFINIÇÃO.....	50
4 - CRISTO – O FUNDAMENTAL CENTRAL DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO	53
4.1. CRISTO ALCANÇA A NECESSIDADE PRIMORDIAL DO ACONSELHADO.....	53
4.2. O HOMEM INTERIOR E O HOMEM EXTERIOR.....	57
4.3. O CORAÇÃO.....	59
4.4. O CORPO	62
4.5. CRISTO ALCANÇA O ACONSELHADO EM SEU CONTEXTO DE VIDA.....	64
4.6. AMBIENTE DE FORMAÇÃO: A FAMÍLIA	65
4.7. AMBIENTE DE VIDA: A CULTURA	66
4.8. HISTÓRIA DE VIDA: TRISTEZAS E ALEGRIAS	66
4.9. TRAÇOS DE PERSONALIDADE: AS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS	66

4.10.	O CORPO: CARACTERÍSTICAS GENÉTICAS E FRAGILIDADE.....	68
4.11.	SATANÁS	68
4.12.	CRISTO CONVIDA O ACONSELHADO Á VERDADEIRA ADORAÇÃO	69
5 -	A PALAVRA DE DEUS COMO MANUAL DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO	76
5.1.	AS PSICOLOGIAS E A BÍBLIA	78
5.2.	UMA UTILIDADE POSSÍVEL	83
6 -	TORNANDO-SE CONSELHEIROS CRISTÃOS CAPACITADOS.....	87
6.1.	ACONSELHAMENTO BÍBLICO É TEOLOGIA APLICADA À VIDA.....	89
6.2.	PRIMEIRA DIMENSÃO: O CONHECIMENTO DA PALAVRA.....	90
6.3.	SEGUNDA DIMENSÃO: O CARÁTER CRISTÃO	90
6.4.	TERCEIRA DIMENSÃO: A HABILIDADE MINISTERIAL	91
7 -	LIDANDO COM OS TIPOS DE PESSOAS	94
7.1.	ESCLARECENDO A QUESTÃO DA ACEITAÇÃO DA PESSOA.....	94
7.2.	OS QUE DESEJAM APENAS FALAR	95
7.3.	OS QUE QUEREM APENAS SE JUSTIFICAR	96
7.4.	AS QUE DESEJAM BAND-AID ESPIRITUAL	98
7.5.	ALGUMAS SUGESTÕES COMPLEMENTARES	99
8 -	O ACONSELHAMENTO CRISTÃO E O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	102
8.1.	O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	105
8.2.	DEFININDO VIOLÊNCIA.....	107
8.3.	FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	108
8.4.	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR	109
8.5.	VIOLÊNCIA FÍSICA.....	111
8.6.	VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	111
8.7.	VIOLÊNCIA SEXUAL.....	112
8.8.	VIOLÊNCIA PATRIMONIAL.....	113
8.9.	VIOLÊNCIA MORAL.....	114
8.10.	VIOLÊNCIA RELIGIOSA.....	114
8.11.	VIOLÊNCIA DE GÊNERO	115
8.12.	O ACONSELHAMENTO PASTORAL FRENTE ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA	116
8.13.	DIMENSÕES SOCIAIS, POLÍTICAS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL 119	
9 -	ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS NO USO DA PSICOLOGIA	123

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO PASTORAL

A questão preliminar na prática do aconselhamento pastoral é esta: O que queremos, exatamente, com o ministério de aconselhamento pastoral? Bancar o psicólogo, ser importante, dominar as pessoas, impor nosso ponto de vista? Na década dos oitentas, o charme nas igrejas não era o louvor, mas era o aconselhamento.

Muitas pessoas querem fazer cursos na área de Aconselhamento Pastoral, porque querem desenvolver o ministério de aconselhamento nas igrejas. Todavia, duas características comuns em muitos dos interessados são evidentes:

1. São pessoas dominadoras.
2. São pessoas com pontos de vista muito fortes e que lutam por eles.

É curioso como o temperamento das pessoas as impele para certas funções nas igrejas. Pessoas apaixonadas pela evangelização, não incomumente, são pessoas agressivas. Alguns gurus evangélicos e pessoas que se atribuem títulos pomposos são pessoas com enormes carências emocionais. Elas buscam compensação nas atividades eclesiais. O conselheiro precisa se sondar: o que o motiva é amor às pessoas, consciência de missão, ou desejo de controle?

Voltemos à década dos oitentas. Enfatizava-se muito o discipulado, que hoje aparece com roupa nova, chamado de mentoreamento. Os candidatos a conselheiros queriam discipular pessoas, mas dava para notar que não era para fazerem discípulos de Cristo, e sim discípulos delas. Não era para levar as pessoas à estatura de varão perfeito, como encontramos recomendado em Efésios 4.13. Era para reproduzir pessoas à sua imagem e semelhança. Ainda hoje, buscamos muito fazer clones nossos em nossas igrejas. Ou dominar pessoas. O líder precisa sondar bem suas intenções. Principalmente se ele se vale do aconselhamento. Que deseja: ovelhas maduras ou pessoas submissas a ele? Aconselhar ou dominar? Ver o desenvolvimento da pessoa ou reproduzir-se nela?

1.1. Aconselhamento Pastoral ou Aconselhamento Psicológico?

Esta é a primeira questão que desejo considerar: o que estudaremos será aconselhamento pastoral ou aconselhamento bíblico? Muitos pastores têm se travestido de psicólogos e, nesta disciplina, muitos seminários têm se preocupado mais com aconselhamento psicológico que pastoral. Freud, Adler, Mortimer, Jung, Erickson e outros

têm tomado o espaço da Bíblia. Pessoalmente, vi um professor da disciplina ironizar a Bíblia, quando depreciava seu ensino para formação do caráter e para resolução dos problemas emocionais das pessoas. Para ele, a área espiritual nada tinha a ver com a emocional e psicológica. A Bíblia podia ser usada para outras coisas, mas para o aconselhamento, ele, particularmente, “usava a ciência”. E segundo ele, este era o erro de muitos pastores “fundamentalistas”, o de prenderem-se à Bíblia e aos princípios e valores cristãos. Só a “ciência” podia ajudar as pessoas. Contraditoriamente, este professor era pastor, e aos domingos pregava sobre a autoridade e a suficiência das Escrituras, do púlpito que ocupava. Parece que tanto a autoridade quanto a suficiência eram parciais. Ou sua teologia era esquizofrênica.

Somos líderes cristãos, alguns de nós somos pastores e outros entre nós almejam serem pastores. Como pastores e líderes, temos que aconselhar as pessoas. Precisamos ser psicólogos para aconselhar o povo de Deus? Antes do surgimento da Psicologia, como se dava o aconselhamento? Não havia? Como a igreja fazia? Ela sempre errou?

Aconselhar não é algo restrito a psicólogos (se é que psicólogos aconselham). Pais aconselham, amigos aconselham, mulheres aconselham seus maridos (e bem-aventurados os que têm uma mulher sábia, e mais bem-aventurados quando prestam atenção aos conselhos dela!) e pastores aconselham. Nosso texto básico é a Bíblia e o seu ensino é a nossa linha de orientação. Ela não é “anticiência” nem “antipsicologia”. Ela é a Palavra de Deus, afirma a vontade de Deus, e os homens devem se submeter a ela. Ela não é negativa, no sentido de ser contra isso ou contra aquilo. Ela é, positivamente, a Palavra viva de um Deus vivo. Ela afirma o que Deus deseja que façamos e sejamos. Apropriando-nos da expressão contida em Romanos 12.2, podemos dizer que ela é a “boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. O Salmo 19 mostra a Palavra de Deus como o que há de melhor para orientar, formar, direcionar, acalmar e aconselhar a pessoa: “A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos simples. Os preceitos do Senhor são retos, e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro, e alumia os olhos. O temor do Senhor é limpo, e permanece para sempre; os juízos do Senhor são verdadeiros e inteiramente justos” (Sl 19.7-9). Qualquer tentativa de tornar uma pessoa saudável e equilibrada e que ignore o valor da Bíblia será uma tentativa frustrada. Não há rumo seguro para a vida fora dela. Além disto, há a questão do senhorio de Cristo sobre nossas vidas. Como bem disse Lutero: “Não há uma área sequer de nossa vida que Cristo não diga: ‘É meu!’”. O cristão é servo de Cristo e é regido pelas Escrituras em todas as áreas de sua vida.

1.2. Então, a Psicologia é Ruim?

Não é a questão se a Psicologia, como ciência que alega ser, é ruim ou não. A questão é que ela não é a palavra última sobre o homem, sobre valores, sobre a vida. E no momento exato em que qualquer um de seus princípios colida com a verdade cristã, ela deve ser rejeitada. Psicólogos não são Deus nem foram homens inspirados por Deus para escrever a nova revelação. Este é o ponto.

Para considerar melhor este tópico, fiquemos com uma aguda observação de Powlinson: “A área do aconselhamento tem se divorciado da Palavra. Na mente da maioria das pessoas, aconselhamento é algo essencialmente diferente da pregação. As verdades e os métodos usados no aconselhamento são raramente concebidos como o ministério da Palavra dirigida sob medida a um indivíduo. A maioria daqueles que acreditam na Bíblia diria com facilidade “Prega a Palavra”. Eles se levantariam revoltados diante de uma pregação cujo conteúdo fosse qualquer outro que não a Palavra. Em geral, os crentes concordam que a verdade revelada em Deus deve controlar o púlpito. A Palavra é verdadeira e suficiente para o ministério dirigido às multidões. Entretanto, não é natural dizermos: “Aconselhe a Palavra”. A maioria daqueles que acreditam na Bíblia rendem-se diante de conselhos não-bíblicos. A Palavra é apenas um recurso entre vários recursos possíveis, tanto nos livros de auto-ajuda como na sala de aconselhamento ou ao redor da mesa da cozinha. A Palavra tende a ter um papel secundário, adicionada a uma mensagem que lhe é alheia. Ou talvez não tenha mesmo papel algum, tida como insuficiente para lidar com os problemas das pessoas (...). Jay Adams expressou bem esta questão: “A Palavra deve ser ministrada no aconselhamento com tanta prontidão quanto na pregação”.

Não se trata, portanto, de afirmar se a Psicologia é boa ou ruim, mas de afirmar a autoridade da Palavra de Deus em todas as áreas da vida humana. E podemos levantar outra questão dentro desta consideração: “De qual Psicologia está se falando?”. Sim, porque talvez seja mais correto afirmar que há Psicologias e não Psicologia. Num ensaio intitulado “Por que aconselhamento bíblico e não psicológico?”, John Street faz a seguinte observação:

“O que é psicologia? Anda que seja um termo comum e com freqüência usado, sua conotação é equivocada. Definições populares e escolásticas cobrem uma ampla gama semântica a partir do processo de pesquisa científica para a teoria e prática terapêutica de doenças mentais biológicas a clínicas. Os sistemas incluem biopsicologia, psicologia experimental, psicologia cognitiva, psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica, psicologia social, psicologia industrial-organizacional, e psicologia transcultural. Em adição, uma sortida de teorias psicoterapêuticas orienta muito dos sistemas psicológicos –

psicodinâmicos, humanístico, existencial, sistemas familiares, comportamental-cognitivo, psicoterapia ou psicoterapia pós-moderna. Como afirmamos, a breve história da Psicologia está deleteriamente marcada com um número incontável de modelos descartáveis. Em outras palavras, a psicologia está longe de ser uma disciplina especial. Seria melhor se referir a “psicologias”, uma vez que a pleora de teorias e sistemas atuais e passadas é abundante.”

Ainda que pareça má vontade contra a Psicologia e contra os psicólogos (e é preciso ressaltar que não é – trata-se apenas de não subordinar a Bíblia a ela), há uma referência mais a fazer, extraída do mesmo ensaio de Street: “A psicologia é uma disciplina científica? A resposta para esta pergunta é, na melhor das hipóteses, discutível. Certamente há aspectos desta disciplina que usam raciocínios científicos rígidos cuidadosamente elaborados. Ainda assim, no entanto, as pressuposições a priori necessárias para trazer algum significado importante são patentemente evolucionárias. A psicologia é mais bem vista como uma cosmovisão materialista – behaviorismo, humanismo, determinismo, existencialismo, epifenomenalismo e simples utilitarismo pragmático.”

Esta consideração de Street merece ser bem pensada. Nada na estrutura da Psicologia é possível de comprovação. Assim como pensadores materialistas impugnam a Teologia, negando-lhe o caráter de ciência porque suas afirmações não podem ser provadas (Deus, alma, vida eterna, por exemplo), podemos lembrar que ego, id, superego são afirmações que não podem ser provadas como tais. São questões apenas opinadas. Da mesma maneira rotulam-se, mas não se provam certas atitudes: transferência, contratransferência, projeção, etc. São termos pomposos, mas que não podem ser provados. São opiniões. Até respeitáveis, até bem embasadas, mas são opiniões. Não se prova a alma, é verdade. Da mesma maneira, não se prova o superego.

Por outro lado, precisamos reconhecer também que a Bíblia não é um manual de aconselhamento. É outro aspecto que precisa ser analisado com objetividade. Ela não é uma enciclopédia contendo tópicos de aconselhamento que alistem o tratamento ou o remédio para os problemas das pessoas. Pinçar versículos bíblicos como calmantes ou estimulantes pode ser uma prática comum entre nós, mas não é a maneira correta de se usar a Bíblia. Mas assim mesmo, ela é a Palavra de Deus, e se temos uma compreensão do seu todo, podemos entender sua orientação para a vida do homem, tanto no todo como nos particulares.

Muitos dos conceitos da Psicologia são válidos e podem ser usados com segurança por um conselheiro cristão. Da mesma maneira, muito da técnica de aconselhamento psicológico pode ser aplicada ao aconselhamento bíblico e pastoral, também com segurança. Mas a atitude de dicotomizar a vida cristã, relativizando a autoridade e

aplicabilidade da Bíblia à área espiritual da vida humana, é errada. Dizer que ela é a verdade espiritual, mas não é a verdade para a vida, os sentimentos e atitudes das pessoas é uma incongruência. E parece sem sentido um pastor, no púlpito, afirmar a suficiência da Bíblia para orientar a vida das pessoas, e mais tarde, atendendo uma das pessoas que estava no culto, negar esta suficiência e valer-se de orientação de homens que rejeitam a Bíblia e afirmam a absoluta animalidade do homem, negando-lhe qualquer traço de criação divina.

1.3. O Valor do Aconselhamento Para o Conselheiro

Ao aconselhar, o pastor não apenas cumpre uma tarefa atinente ao seu ministério. Ele se capacita para o ministério pastoral, no trato com o rebanho. Descobre suas necessidades, vê as carências do povo e assim diagnostica seu estágio espiritual, como também vê por onde deve andar no ensino do púlpito. O gabinete pastoral é um termômetro que indica algumas enfermidades da igreja, e assinala para o pastor o que ele deve pregar, se deseja a terapia que vem da Palavra de Deus.

Uma ressalva deve ser feita, no entanto: o gabinete pastoral não vai ao púlpito. O que se ouve no gabinete morre no gabinete, mas o que se trata no gabinete sinaliza áreas que devem ser abordadas pelo púlpito. Se constantemente o pastor está administrando crises conjugais, isto é sinal de que precisa pregar mais sobre família. Se casos de mundanismo e baixa espiritualidade causam os problemas que surgem no gabinete, o obreiro descobrirá que a igreja está precisando de santificação. Precisamos reconhecer o fato de que somos pastores e não terapeutas seculares, e que lidamos com igreja e não com uma clínica psicológica. Lamentavelmente, muitos pastores estão deixando a Bíblia, substituindo-a por ensinamentos de psicólogos seculares, sem temor a Deus, e caindo no mesmo equívoco de tantos conselheiros não cristãos, o de pensar que nossa tarefa é tornar as pessoas aliviadas de seus fardos, e se sentirem bem consigo mesmas. Nossa principal tarefa como conselheiros não é aliviar o fardo das pessoas, mas orientá-las dentro dos princípios da Bíblia. Vivendo os valores da Palavra de Deus as pessoas terão o alívio que o Espírito Santo dá.

Nossa tarefa, portanto, não é de ajudar os pecadores a viverem bem com seus pecados, mas “anunciar todo o conselho de Deus” (At 20.27). Assim fazendo, cumprimos nossa missão, ajudamos as pessoas e formatamos o povo de Deus dentro da Palavra de Deus. O aconselhamento ajuda o obreiro a cumprir sua missão, que é a de levar o povo do Senhor à maturidade: “Desse modo todos nós chegaremos a ser um na nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo. Então não seremos mais como crianças, arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas. Essas pessoas

inventam mentiras e, por meio delas, levam outros para caminhos errados” (Ef 4.13-14). E, secundariamente, ajuda o obreiro a conhecer o tipo de alimento que seu rebanho necessita.

O conselheiro precisa estar atento para o fato de muitas pessoas o procurarão buscando confirmação de suas atitudes, e querendo apenas apoio e compreensão. Nem sempre desejarão mexer na causa fundamental do problema. O conselheiro deve ser compreensivo, mas nunca conivente com o erro e com o pecado.

1.4. Uma Postura do Conselheiro Cristão

Sentir indignação com o pecado é uma coisa. Sentir indignação com o pecador é outra. O Novo Testamento fala, por exemplo, para não sermos ansiosos. Mas quando lidou com a ansiedade de Marta, Jesus não lhe “deu uma dura”, mas foi terno: “Aí o Senhor respondeu: – Marta, Marta, você está agitada e preocupada com muitas coisas, mas apenas uma é necessária! Maria escolheu a melhor de todas, e esta ninguém vai tomar dela” (Lc 10.41-42). Haverá momentos em que o conselheiro se frustrará porque vê que a pessoa está sendo infantil ou apenas desejando aliviar um sintoma do seu pecado, ao invés de lidar com o pecado. É preciso misericórdia. Sem abandonar a firmeza.

Além desta postura de aceitação da pessoa, o conselheiro precisa cultivar a imagem (que deve corresponder à realidade) de ser uma pessoa confiável. Observe este comentário em uma obra de aconselhamento profissional, secular: “O paciente tem vários graus de consciência do processo, experimentado principalmente na forma de suas fantasias sobre o médico e de uma sensação de segurança e confiança a seu respeito”. O conselheiro precisa passar a imagem real de uma pessoa confiável. Ele precisa dar ao aconselhado a sensação de segurança e de confiança a seu respeito. As pessoas confiavam em Jesus. Lembremos disto. Certa vez, um homem, membro de outra igreja, me pediu aconselhamento. Eu lhe disse para procurar seu pastor e ele me falou que o problema era o seu pastor, e me disse: “Quando eu era católico, sabia que quando eu confessava meus pecados ao padre, ele guardaria sigilo. Morria no confessionário. Tudo que eu conto para meu pastor vira ilustração de sermão. Ele não cita meu nome, mas quem me conhece sabe que sou eu”.

Se você almeja ser um conselheiro cristão, estas duas virtudes são indispensáveis: aceitação da pessoa e manutenção de sigilo. Um obreiro falastrão nem sempre obterá confiança das pessoas.

1.5. O Perfil e os Atributos do Conselheiro Bíblico

Não basta dizer-se vocacionado para o ministério pastoral ou para o ministério do aconselhamento para ser bem sucedido nestas atividades. Ser vocacionado não é uma garantia de que as coisas darão certas. Prova disso é o grande número de ministérios que dá errado e de igrejas com problemas muitas vezes causados por pastores. E, da mesma forma, de conselheiros que não conseguem ajudar as pessoas. Há algo mais além da chamada e da boa vontade em fazer a obra.

Ter consciência da chamada da parte de Deus e manter uma vida de comunhão com ele ajudam muito ao obreiro. Mas ter o preparo necessário também ajuda muito. Ninguém negará que Pedro foi chamado e usado por Cristo. Mas a sombra projetada pelo ministério de Paulo foi maior que a projetada por Pedro. Inteligência e preparo postos a serviço de Cristo é uma bênção. O conselheiro bíblico precisa ser bem preparado. Tanto na área de estudo sobre o assunto e sobre a Palavra de Deus, como na área do preparo emocional. O emocional e o espiritual devem caminhar juntos, principalmente na vida de quem cumpre a tarefa de ajudar o povo de Deus. Por isso, é sempre oportuno lembrar, o primeiro dever do obreiro cristão é cuidar de si mesmo. É triste a palavra da sunamita em Cânticos 1.6: “Puseram-me por guarda de vinhas, mas a minha vinha não guardei”. Guarde a sua vinha! Seja uma pessoa que busca a maturidade espiritual e emocional. Invista em si mesmo.

Na matéria de hoje veremos alguma coisa sobre o perfil do conselheiro. E veremos também algumas atitudes que são necessárias no seu ofício. Começemos pelo perfil.

1.6. O Perfil do Conselheiro

Muitos aspectos do perfil do conselheiro poderiam ser alistados aqui, mas ressaltemos os principais à nossa tarefa de líderes cristãos.

A. Empatia. A palavra vem da mesma raiz de “simpatia” e de “antipatia”. Simpatia é sentir na mesma direção, sentir com. Antipatia é sentir contra. Sobre empatia, o prefixo grego em nos esclarece: é “sentir dentro”, “sentir como se fosse a pessoa”. A simpatia pode ser entendida como uma ternura, mas a empatia é uma profunda compaixão que nos faz colocar-nos no lugar daquela pessoa. O fundador do cristianismo foi a maior manifestação de empatia que o mundo já viu: “O Verbo se fez carne” (Jo 1.14). Deus foi empático conosco, na pessoa de Jesus. Empatia tem a ver com compaixão. O Salvador era profundamente empático, porque era profundamente compassivo: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque andavam desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36). E este é um conselho bíblico para todos os cristãos: “Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram” (Rm 12.15). Somos exortados a experimentar e partilhar os sentimentos dos irmãos. O autor de Hebreus

aconselhou a comunidade cristã nos seguintes termos: “Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles, e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo” (Hb 13.3). O conselheiro cristão deve ter este sentimento bem aguçado. Ele não é juiz nem um crítico, mas um ajudador. E um ajudador com compaixão.

Não somos profissionais que atendem a pessoa, ouvem-na sem experimentar emoção alguma (algumas vezes bocejando de indiferença), e depois apenas perguntam: “Sim, o que você pensa em fazer sobre isso?”. Somos pessoas que amam a Deus, que amam o povo de Deus e que servem a Deus servindo a seu povo. E mostramos nosso amor a Deus no amor ao seu povo. Empatia é mais uma postura que adotamos que um sentimento que experimentamos. É sentir com a pessoa. A frieza ou a indiferença é mortal no trabalho do conselheiro. Como bem frisou Collins: “É possível ajudar as pessoas mesmo sem compreendê-las inteiramente, mas o conselheiro que consegue transmitir empatia (principalmente no início do processo terapêutico) tem maiores chances de sucesso”. Ouvi um pastor psicólogo criticar um pastor que chorou no sepultamento de uma de suas ovelhas, dizendo que ele era um amador e que não sabia controlar as emoções. O pastor que chorou não se descontrolou, não surtou nem se mostrou histérico. E merece elogios exatamente porque não foi um profissional de religião, mas um amador. Benditos sejam os amadores assim!

B. Respeito. Por vezes a pessoa chega e abre o seu coração, contando-nos um pecado que julgamos ser escabroso (e às vezes é mesmo). Então ficamos chocados com a revelação e mostramos à pessoa que não esperávamos aquilo da parte dela. Ou ela nos ataca ou ataca alguém da igreja. O conselheiro, muitas vezes, é machucado pelo aconselhando. Qual deve ser a reação numa circunstância dessas? Kaller, em uma obra sobre aconselhamento cristão, usa esta figura: uma pessoa não crente se aconselha com o pastor, e lhe diz: “Os membros de sua igreja fazem pior do que as pessoas que não são crentes”. Ele alista quatro possíveis respostas do conselheiro, e entre elas duas bem curiosas. O conselheiro poderá dizer: “Você não sabe nada; pior que você não há nenhum” ou “Os crentes têm suas falhas, mas as falhas dos não crentes são piores”. Diz Kaller: “Esta reação não facilitará a continuação da conversa, mas é o início de uma discussão”. Ele mostra duas respostas que seriam mais viáveis: “Você acha que muitos crentes não vivem de acordo com suas crenças?” ou “Você acha os não crentes melhores que os crentes?”.

Na primeira resposta viável, o conselheiro circunscreveu a questão a uma opinião pessoal do aconselhando, e não a deixou como um absoluto. Na segunda, deixou a porta aberta para o aconselhando continuar a expor sua mágoa. Em nenhum dos dois casos ele deixou a questão descambar para o bate-boca.

Respeito significa valorizar a pessoa, não a vendo como uma coitadinha ou uma leprosa moral ou espiritual. É vê-la como sendo uma pessoa, imagem e semelhança de

Deus, valiosa aos olhos do Senhor, que no momento passa por uma crise e veio lhe pedir ajuda. Não esfregue sal e pimenta nas feridas dela. Respeite seu desabafo, suas atitudes, e sua postura. Isto é diferente de aceitar um comportamento errado. É respeitar a pessoa que está querendo ajuda como pessoa. Não é um traste. Lembremos que Paulo recomendou que apoiássemos aqueles que estão fracos.

C. Sigilo. O que um conselheiro ouve deve morrer com ele. Ele não passa para frente nem mesmo com pessoas interessadas no assunto. Muitas vezes alguém me procura e depois uma pessoa da família ou do relacionamento com esta pessoa vem me perguntar o que foi dito. Geralmente me nego, dizendo que o que a pessoa me contou pertence ao sigilo. Se quiser saber, que meu indagador lhe pergunte. Lembre-se que comentar o que lhe foi dito em confiança acabará não apenas com sua atividade, mas com seu caráter. E você terá traído quem confiou em você. Poucas coisas são tão ruins para um pastor ou para um conselheiro que ser conhecido como fofoqueiro, como alguém que passa para frente coisas que ouviu em confidência. Há pastores que contam de púlpito experiências de gabinete. Não citam o nome da pessoa, mas deixam pistas claras de quem sejam. Isto é muito ruim.

Abrir o coração com alguém é tarefa difícil. Muitas vezes é um desnudar da alma, e é doloroso para a pessoa. Já ouvi muitos casos tristes e dolorosos em gabinete, desde violência sexual que uma criança sofreu por parte de pai até o uso de drogas por líderes da igreja. Por vezes, o peso era esmagador e eu me sentia deprimido, querendo um buraco para me enfiar. Mas sabia que não podia partilhar com ninguém. Um conselheiro deve ser sigiloso. Por isso que deve ser uma pessoa que cuide de sua vida espiritual e se fortaleça, sempre, com o Grande Conselheiro, Deus. É a vinha dele que ele deve guardar.

D. Sobriedade. O Novo Testamento faz várias referências à sobriedade. Nós é que pouco mencionamos esta virtude cristã. Há líderes que amam holofotes ou são pouco discretos. Têm grande necessidade de atenção. Jesus exortou à discrição na vida espiritual, quando deixou recomendações sobre a oração e o jejum. Sobriedade tem a ver com discrição. Não se faz alarde de que estamos ajudando alguém. O trabalho do conselheiro é um trabalho de bastidores, que se faz nos bastidores, e não em público. Como o aconselhamento envolve questões emocionais, e por vezes delicadas, o conselheiro deve lembrar que a imagem do aconselhando deve ser poupada. Repreensão pública ou conselhos dados em voz alta prejudicam muito. Ninguém precisa ouvir a conversa. Por isso, quando atender, fale baixo. Uma das tarefas do conselheiro é ajudar a pessoa a ser madura e tomar decisões por si, orientada pelo Espírito Santo. Outra tarefa é levantar a pessoa. Neste sentido, expô-la em público, como alguém tutelado, é prejudicial. Somos conselheiros e não pais de criancinhas travessas que devem ser chamadas à atenção.

Há conselheiros que gostam de publicidade para que os demais vejam como ele é importante ou como está sendo usado por Deus. Remo Machado, psicólogo cristão, faz esta afirmação, em uma de suas obras: “Caso Deus seja o centro de nossa vida, ele tem um plano para nossa existência, e se ele nos delegou a posição de psicoterapeutas, devemos usá-la para enaltecimento do nome de Deus, e não para o nosso engrandecimento pessoal”. Sobriedade é esta característica assumida de que somos apenas instrumentos, a glória é de Deus, fazemos o que temos que fazer e saímos de cena, sem esperar aplausos ou reconhecimento. O conselheiro não faz alarde do seu trabalho. A vaidade sempre é notada, sempre desgasta o vaidoso e geralmente cobra um preço muito elevado. E as pessoas que aconselhamos não devem ser vistas como troféus a exibir.

E. Desprendimento. Isso significa que o conselheiro não deve levar vantagem na tarefa de aconselhar. Por vezes, o conselheiro é profissional, um psicólogo ou outro tipo de terapeuta. Neste caso, ele cobrará consultas. O levar vantagem, neste contexto, significa que o conselheiro não usa as informações que recebe, nem antes nem depois do processo de aconselhamento. Suponhamos que o conselheiro seja o pastor ou o líder de um trabalho. Um irmão o procura e lhe revela um problema e pede ajuda. Não será justo o conselheiro divulgar publicamente uma possível incapacidade da pessoa para o exercício de uma função para a qual ela vier a ser indicada. Evidentemente que se for um caso grave, como uma pessoa que tenha tendências pedófilas sendo indicada para cuidar de crianças, o conselheiro precisará agir. Mas isso exige cautela. A questão principal é de ordem pessoal: não levar vantagem. Não impugnar a pessoa para um cargo ou função porque tem outro nome que é seu preferido ou porque o ambiciona, etc. Deve se lembrar também que Cristo pode transformar uma vida e que um pecado que uma pessoa cometeu no passado não será, necessariamente, cometido outra vez pela pessoa.

F. Capacitação. Já tangenciamos este aspecto anteriormente. Trata-se da capacitação para o serviço a desempenhar e da capacitação espiritual para poder desempenhar o serviço. Precisamos ter em mente que nenhum de nós, como líder cristão, é um produto acabado. No que se presume ser sua última carta, já idoso, Paulo pede a Timóteo: “Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos” (2Tm 4.13). Os especialistas distinguem entre “livros” e “pergaminhos”. O primeiro termo aludiria a obras seculares, e o segundo teria o sentido de livros canônicos, isto é, os escritos sagrados. Ele está detido na cadeia, e prestes a ser executado, mas ainda quer os livros. O obreiro cristão em geral e o conselheiro em particular sempre devem querer crescer. Adquirir livros, ouvir palestras, fazer cursos, tudo isso ajuda muito o conselheiro. Mas o preparo espiritual nunca pode ser negligenciado. O Pr. Falcão dá como sendo um dos aspectos mais importantes na vida do conselheiro ao ajudar alguém em crise: “Orar por si mesmo e colocar-se nas mãos de Deus para prestar uma ajuda afetiva”. Desempenhamos uma atividade espiritual e nunca podemos nos

esquecer disso. A autoridade espiritual que vem da comunhão com Deus e da submissão à sua Palavra é sempre notada na vida de quem a tem. E quem a tem não precisa alardear.

1.7. Algumas Atitudes Necessárias ao Conselheiro

Tendo considerado algo do perfil do conselheiro, vejamos algumas atitudes que ele deve tomar quando exerce seu papel.

A. Ele Deve Proceder Sem Preconceito Quando Aconselha. Pode ser que a pessoa aconselhada esteja em pecado e deva ser orientada quanto a isso, mas não compete ao conselheiro, como conselheiro, condená-la. No aconselhamento não se prega. Conversa-se e se mostra à pessoa a situação em que ela se encontra e as alternativas a tomar na sua vida. Em outras ocasiões, o conselheiro administrará conflitos de relacionamentos entre partes. Deve evitar se posicionar contra um ou contra outro. Ele deve ser uma ponte e não um juiz. Pode ser que a questão esteja bem clara e ele tenha uma posição bem definida, mas deve se lembrar que está ali para conciliar partes.

Já me aconteceu, em passado remoto, aconselhar um líder da igreja com problemas de drogas. No íntimo, por dentro, fiquei muito indignado com este comportamento vindo de um líder em que eu e a igreja confiávamos, mas sabia que perderia a pessoa se manifestasse este sentimento. Ela já estava bastante frustrada e envergonhada. Não manifestei minha postura de censura. Ela já sabia que estava errada. Tratamos de como superar a situação. Mostrei-lhe empatia. A pessoa superou o problema e até hoje está na liderança (pedi permissão a ela para citar o evento, sem nomear e localizar, e ela me concedeu). Precisamos ter muita cautela e lutar para impedir que nossos sentimentos pessoais de aceitação ou rejeição nos levem a tomar atitudes que bloqueiem o processo de aconselhamento.

B. Ele Deve Evitar Dar Ordens. Inconscientemente, o conselheiro tem o desejo de dominar e exercer controle na vida da pessoa aconselhada. Até porque se sente em condições de orientar a outra parte. Nosso papel é levar a pessoa a ver a vontade de Deus para sua vida. E precisamos ser humildes para reconhecer que nem sempre a vontade de Deus é a nossa, como conselheiros. Podemos mostrar à pessoa as opções e as conseqüências das opções, mas deve ser deixada com ela a decisão a tomar. É assim que ela amadurecerá. Quando dizemos às pessoas o que fazer, elas criam dependência emocional. E isto não é bom. O conselheiro poderá dizer que executou bem sua função quando a pessoa chegar a um ponto em que o aconselhado não mais precisar mais dele como orientador. Essa idéia de “guru” ou de um mentor que tutoreia a pessoa a por toda sua vida não é uma medida salutar. É antibíblica. Conforme Efésios 4.13, o exercício de dons na igreja é para que os crentes cheguem “ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). Conduzir alguém pela mão por toda a vida não

faz desse alguém uma pessoa neste patamar de adulto em Cristo. Há muito manipulador querendo ser mentor.

C. O Conselheiro Deve Cultivar Objetividade e Não Ser Envolvido Emocionalmente. Não confunda as coisas nem tente fazer “pegadinhas”, dizendo que isto é o oposto da empatia mostrada como necessária. Terapeutas profissionais não devem aconselhar parentes ou pessoas a eles ligadas emocionalmente. Sua análise sempre será prejudicada porque terá envolvimento emocional. Há uma linha divisória entre empatia e envolvimento emocional. A empatia é produto da misericórdia cristã. O envolvimento sucede quando o conselheiro se sente perturbado porque aquilo o atinge diretamente. Por vezes, ele está passando por um problema semelhante ao que a pessoa que lhe procura está passando e sente desnorteado, ou sem condições de fazê-lo. Não é errado um conselheiro ter problemas e passar por lutas, é preciso dizer neste contexto. O problema é quando o aconselhando está numa situação idêntica e o conselheiro sente que está sem condições.

A eficácia do aconselhamento, neste caso, será reduzida. Ao mesmo tempo, em contrapartida, o conselheiro poderá ver nesta situação como a pessoa está sofrendo. Mas sua orientação poderá ser apenas um reflexo do que ele faria. E as pessoas reagem de maneira diferente. O conselheiro poderá mostrar um caminho que ele tem condições de percorrer, mas talvez a outra pessoa não tenha. Ele precisará refletir bastante, orar e ter humildade para, se for o caso, dizer à pessoa que naquele momento não poderá ajudá-la. Se tiver certeza de que estará mais capacitada exatamente por estar vencendo o problema, deve ajudar. Mas se estiver sendo abatida pelo problema, terá pouco o que dizer. E deverá ter a humildade de reconhecer isto.

D. Saber Filtrar o Que Está Sendo Dito. Nem sempre as palavras revelam. Por vezes mascaram. Para filtrar bem, o conselheiro precisa de um bom filtro (ou um coador). É oportuno lembrar que vivemos numa sociedade massificada pelo egoísmo e que as pessoas, em sua maior parte, têm motivações egoístas. Até mesmo na área espiritual. O conselheiro precisa ter um bom parâmetro para avaliar e orientar. Por exemplo: qual é a finalidade da vida? É a busca de felicidade? É o que as pessoas buscam, e o que muitas pregações sinalizam. Mas é este o propósito de Deus para nós?

Cabem aqui as oportunas palavras de Larry Crabb:

“Veja os títulos de tantos livros cristãos da atualidade: “O segredo cristão de uma vida feliz”; “Desenvolva todo o seu potencial”; “A mulher total”; “A mulher completa”. Muitos contêm conceitos excelentes e verdadeiramente bíblicos, mas sua mensagem, clara ou implícita, às vezes nos dirige mais à preocupação com a auto-expressão e menos a um interesse em conformar-nos com a imagem de Cristo. A Bíblia, porém, ensina que, seu eu

permanecer em obediência na verdade, a fim de tornar-me mais com Deus e assim torná-lo mais conhecido, o resultado será finalmente a minha felicidade.”

Um problema muito sério é que os crentes estão buscando felicidade, e não mais santidade, como se pudessem ser felizes à parte de sua comunhão com Deus. Com esta visão, a vida cristã passa a ser a busca de satisfação de necessidades pessoais (algumas irrelevantes e supérfluas). É um conceito mundano. Assim, o trabalho do conselheiro passa a ser mais o de um terapeuta secular, levando as pessoas a se aceitarem como são e a buscarem necessidades muitas vezes mundanas, que um servo cristão que ajuda os crentes na sua caminhada a uma vida mais profunda com Deus. Muitos dos problemas espirituais e emocionais não estão ligados à área espiritual ou da vontade de Deus, mas a projetos pessoais que os indivíduos têm, muitos deles modelados pelo padrão do mundo. Eles não alcançam tais projetos e se frustram. Tenho observado, em quarenta anos de ministério (o que não me torna infalível, mas me faz entender muitas coisas) que grande parte da aflição dos crentes é por coisas das quais não precisam e sem as quais pode viver. Mas deixam-se modelar pela massificação mundana de uma sociedade materialista que espiritualmente é decadente. Eles querem ser como o mundo. E querem as coisas que o mundo quer.

O conselheiro deve ter em conta que lidará com muitas pessoas que têm problemas por causa de necessidades que não devem ser atendidas. Cito Crabb, a respeito: “Os conselheiros cristãos devem ser sensíveis à profundidade do egoísmo na natureza humana. É temerosamente fácil ajudar alguém a atingir um alvo não-bíblico. É nossa responsabilidade, como membros do mesmo Corpo, continuamente recordar e exortar uns aos outros a fim de manter em vista o alvo de todo verdadeiro aconselhamento: libertar as pessoas para que possam melhor adorar e servir a Deus, ajudando-as a se tornarem mais semelhantes ao Senhor. Em suma, o alvo é maturidade.”

A atividade de aconselhar bíblicamente não é a de dar pirulitos a crianças frustradas, mas ajudar as pessoas a entenderem o propósito de Deus para a vida delas. Há uma diferença enorme entre desejos e necessidades. É preciso saber a distinção entre os dois. E o conselheiro, algumas vezes, terá que levar a pessoa a entender isso.

1.8. Algumas Considerações

Como obreiros que querem o bom andamento da obra de Deus, podemos cair num estado emocional comum a muitos: a impaciência por não vermos os frutos imediatos do nosso trabalho. Orientamos uma pessoa com zelo e bastante cuidado, mas vemos que apesar de nossa orientação ser clara ela continua apresentando as mesmas falhas. Lembremos que muitas vezes o problema vem se arrastando há tempos, e a pessoa

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia